

T 0658

ALEPH 28670
REY CLI 0221

CORREIO DO POVO

COLEÇÃO DE BORBOLETAS

(Especial para o "Correio do Povo")

REINALDO MOURA

Para onde vão esses instantes que passam por nós como a fonte sobre as pedras? Para onde vão as horas que envolveram momentos de nossa existência numa atmosfera diferente da que satura o espaço inerte do cotidiano? Certos momentos que ficaram gravados com seus gestos, a cor mais nitida de suas arestas, a presença invisível dos jasmíns como nessa manhã que vai recuando, recuando pelo silêncio do tempo e depois, no meio da memória, não será mais que a pálida visita não sabemos bem se de um sonho ou da realidade morta. Para onde vão esses fragmentos da vida, exatamente os que tornam a vida transparente na sua surpresa? Como recua e emudece, como se fosse submergindo, nessa câmara da memória, aquilo que foi relevo, e era nitido e presente na urgência da vida como uma tentativa de fixação.

A magia de Proust está nisto: ele indagou e encontrou. Ele recuperou, vivos e talvez obscuros às vezes, os momentos que se vão levados pela torrente, e que não raro, quando voltam, não em palavras, mas num perfume ou na reprodução de um gesto, fazem de novo correr as lágrimas antigas.

A criança em Balbec, o menino distante de Combray, o moço, o homem maduro de Paris. Os caminhos que levam a Swan, que levam a Guermantes, de novo úmidos como na primeira impressão infantil, estão vitalizados pela sensibilidade que tocava os limites da enfermidade. Desde a hora inicial de sua vida despertando para sentir esse curioso espetáculo do mundo em torno, mesmo antes de ter consciência de sua vocação, ele começou a colecionar os momentos mais nítidos que a vida lhe trazia, fonte correndo sobre as raízes de sua sensibilidade. E quando chegou a hora de pensar e indagar para onde teriam ido esses momentos, para onde teriam fugido esses instantes com o seu aroma virginal de surpresa, apareceu o escritor pela necessidade de se libertar. Então o menino antigo estava de novo presente com o seu mundo invisível. De novo as torres e os sinos de Martinville ao crepúsculo, como há tanto, tanto tempo numa volta da estrada, as torres que iam adquirindo colorações diferentes, súbitas transparências, ficavam quase douradas, ficavam como duas

rosas longas na sombra, conforme o prisma crepuscular através de cujo cristal a luz as envolvia. E a voz daqueles sinos saindo do tempo como conchas sonoras de um mar desconhecido mas bem próximo! Para sempre todos os momentos do amor, para sempre todas as vertigens devoradas pelo abismo das horas, para sempre, como a coleção de borboletas de um estranho entomologista que também fosse poeta e também fosse doente para o mundo dos pobres homens normais com a sua solidão e a sua opaca superfície.

Contemplando sem nunca ficar plenamente satisfeito essa coleção de borboletas, somos os aprendizes dessa sensibilidade desde o momento em que a maneira de Proust mostrou ao mundo como é que se recupera cada momento perdido. Não sabemos repetir o milagre, mas começamos a sentir, depois de sua obra, as dimensões misteriosas do homem que cada um tem dentro de si, sem contudo poder visitá-las como ele, por não possuir também o privilégio de sua enfermidade e a configuração que foi sua vida, da solidão do menino ao túnel do homem maduro.

03a0522-?